



A METÁFORA DA NEBLINA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Beatriz Simone Cavalheiro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da FAPESC
beatriz.cavlh@gmail.com

Valdir Prigol

Professor no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
valdirprigol@uffs.edu.br

1. Introdução

Ao lermos a obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, nos deparamos com a seguinte afirmação do personagem-narrador, Riobaldo: “Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina...” (Rosa, 2019, p. 25). A palavra “neblina” nos chamou atenção, o que seria essa neblina em torno de Diadorim? Parece que algo está encoberto nesse personagem e o narrador destaca essa ocultação, descrevendo-o como uma neblina logo nas primeiras páginas do livro. Com isso, esse estudo surge com o intuito de analisar como essa metáfora aparece na obra, compreendendo seu deslocamento pela narrativa, a partir do sentido de neblina na nossa leitura de *Grande Sertão: Veredas*.

Analisamos na obra em quais momentos a “neblina” aparece, além do trecho em que cita a neblina em Diadorim. Observamos que está envolta desse personagem, que é misterioso, com segredos e ambiguidades, desperta em Riobaldo um forte desejo e paixão, que nunca se concretiza.

Além de Diadorim, o diabo é uma figura que também apresenta-se em neblina na narrativa, desde o início da obra Riobaldo questiona-se: “O diabo existe e não existe?” (Rosa, 2019, p. 15). Outras passagens também nos remetem ao tema da neblina, como o sertão, cenário em que a narrativa acontece, especialmente na passagem pelo “Liso do Sussuarão”, local intransponível e transponível, como observado por Antonio Candido (2002, p. 126). Analisamos que a narrativa em si também não é transparente e facilmente compreensível, devido a mistura cronológica de tempos e o modo não-linear de apresentar os acontecimentos, assim como a linguagem empregada por Guimarães Rosa.

Portanto, nossa pesquisa propõe uma leitura de *Grande Sertão: Veredas* com a finalidade de ampliar os sentidos sobre a obra, produzindo, dessa forma, novos conhecimentos e diálogos possíveis com leituras do presente. Além disso, este trabalho mobiliza uma



perspectiva sobre a literatura, uma forma de compreendê-la a partir dela mesma, dos sentidos possíveis que a metáfora, que surge em nossa relação com a obra, oferece para que possamos refletir sobre a literatura.

2. Metodologia

Nossa pesquisa parte da concepção de leitura proposta por Daniel Link (2002), o autor acredita que a leitura efetiva-se não apenas pela obra, nem apenas pelo leitor, mas sim de uma correlação de sentidos que partem do objeto e do sujeito, constituindo assim a relação, como ele esclarece: “O sujeito lê um objeto. Chamemos 1 ao objeto; 2 ao sujeito; 3 à *relação* entre sujeito e objeto: o que chamamos de leitura é apenas a correlação de duas séries de sentido, uma inerente ao objeto e outra inerente ao sujeito” (Link, 2002, p. 2019, grifos do autor).

A partir dessa relação entre sujeito e obra, o sentido da leitura não está em uma interpretação subjetiva do leitor, nem mesmo em uma intencionalidade do texto, mas sim no que nasce a partir da relação, possibilitando uma multiplicidade de sentidos. Roland Barthes (2004) também fala sobre os sentidos em que o texto pode deslizar, sem se fixar a uma interpretação pré-estabelecida, mas sim funcionar como uma “rede”, em que o leitor é capaz de fazer associações, ter memórias, referências e assim, o texto torna-se plural (Barthes, 2004, p. 70).

O sentido que nasce dessa relação é a “neblina”, o sentido, contudo, não é o mesmo do dicionário que refere-se a um efeito climático ou ausência de luz: “neblina *s.f.*(1660) 1 névoa baixa e fechada; nevoeiro 2 *fig.* ausência de luz; escuridão 3 *B N.E.* chuva miúda; chuveiro 4 *PI* pancada de chuva forte e rápida[...]” (Houaiss e Villar, 2009, p. 1345, grifos dos autores).

Por isso, chamamos essa palavra de metáfora, conforme os estudos de Michel Pêcheux em *Semântica e discurso* (2014), o qual observa que as palavras se revestem de outros sentidos, diferente daquele que a originou. Segundo o autor, o sentido das palavras e expressões não é fixo, mas maleável pelo discurso, nesse sentido, a metáfora ocorre como um deslocamento de sentido, em que um significante adquire novos significados dentro de um discurso diferente, movido pelo interdiscurso, como explica: “as palavras, preposições, expressões, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...]” (Pêcheux, 2014, p. 146-147).

Na leitura da obra de Guimarães Rosa, a metáfora da neblina desliza para outras



situações da narrativa. Como Pêcheux observa em “Análise automática do discurso (AAD-69)” (1997), o valor significativo de um enunciado pode “deslizar de sentido”, revestindo-se em outros contextos, isso é denominado efeito metafórico, como explica: “Chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y [...]” (Pêcheux, 1997, p. 96, grifos do autor).

Portanto, nossa pesquisa busca compreender os sentidos dessa metáfora na leitura de *Grande Sertão: Veredas*, a partir de nossa relação com a obra, observando como ela aparece na narrativa e como acontece o “deslizamento de sentido” da palavra neblina pelo texto.

3. Resultados e discussão

Em nossa pesquisa, observamos como a metáfora da neblina aparece no texto, primeiramente ela surge no trecho que motivou essa análise: “Em Diadorim penso também, mas Diadorim é a minha *neblina*...” (Rosa, 2019, p. 25, grifos nossos). Essa metáfora desliza para outros sentidos que estão encobertos, como a questão do gênero do personagem Diadorim, pois apresenta-se como o menino e como o jagunço Reinaldo, sendo Diadorim um nome íntimo que revela à Riobaldo. No final da narrativa revela-se que ele era, para surpresa de Riobaldo e do leitor, uma mulher, que se transveste de homem para lutar e guerrear como jagunço.

Além da questão andrógina de Diadorim, a paixão não concretizada também fica encoberta pela amizade, como o personagem-narrador reflete: “Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal *encoberto* em amizade” (Rosa, 2019, p. 210, grifos nossos). Portanto, esse amor “encoberto em amizade”, que o conduz, que o leva para o adiante, fica encoberto, oculto e não é em nem um momento esclarecido, fica apenas subentendido, em neblina.

Essa metáfora também desliza para a questão do demônio, pois o amor por Diadorim gera uma especulação por parte de Riobaldo, no seu contar o sertanejo quer saber o significado dos acontecimentos e assim questiona o amor que sente, que poderia ser algo diabólico: “[...] o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe?” (Rosa, 2019, p. 105).

O personagem-narrador também explora a questão se o diabo existe ou não, acredita ter realizado um pacto com a figura demoníaca, mas não o viu de fato, apenas “sentiu” algo diferente. Para Candido, a questão do diabo é uma característica do mundo simbólico atrelado



ao mundo real na narrativa, em que o demoníaco encarna o próprio mistério, conforme explica: “Mas por que o demônio em tudo isso? Porque nada encarnaria melhor as tensões da alma, nesse mundo fantástico, nem explicaria mais logicamente certos mistérios inexplicáveis do Sertão” (Candido, 2002, p. 136).

A neblina também é observada no “Liso do Sussuarão”, onde os jagunços tentam atravessar para matar o personagem Hermógenes e assim vingar a morte do ex-chefe do bando, Joca Ramiro. O local é descrito como um lugar remoto e desolado, um espaço que parecia se repetir infinitamente, sem água, sem vida, imenso e vazio. Na primeira tentativa eles não conseguem atravessar o local, devido à adversidade do espaço, o calor, a falta de água e alimento impedem que prossigam. Nessa passagem Riobaldo descobre que o inimigo, Hermógenes é pactário com o diabo, essa possibilidade intensifica o nível de dificuldade da travessia pelo Liso, pois tornava-se ainda mais intransponível.

Além disso, observamos que a narrativa de *Grande Sertão: Veredas* é intransparente, pois o personagem Riobaldo não narra sua história de forma cronológica e linear, fragmentos de sua experiência pelo sertão, misturadas à reflexões pessoais, assim o leitor é, aos poucos, sendo inserido em um contexto cronológico de fatos. Assim como a linguagem empregada por Guimarães Rosa, com neologismos, regionalismos e marcas da oralidade muito presentes em seu texto, de maneira que as palavras parecem revestir-se, ocultar-se e revelar-se conforme a leitura.

Para o crítico João Cezar de Castro Rocha (2015), a narrativa de *Grande Sertão* é como um movimento de redemoinho, que envolve o leitor para um universo construído através da linguagem. Por isso, para Castro Rocha, a narrativa é marcada pela incerteza, em que nada é fixo, essa fluidez dá forma a uma história que transporta o leitor a um cenário desprendido do espaço-tempo e o situa em um novo universo.

4. Considerações finais

Concluimos que a metáfora da neblina surge em nossa leitura de *Grande Sertão: Veredas* deslizando seu sentido para algo que está encoberto, oculto e intransparente. Na narrativa essa metáfora aparece em diferentes momentos, como em Diadorim, no diabo, no sertão e na própria linguagem da obra. Conforme propõem Link, Barthes e Pêcheux, compreendemos que o sentido sobre a palavra neblina não é fixo, mas sim desloca-se e reveste-



se, por isso a leitura como relação permite a diversidade e amplitude da compreensão dos sentidos sobre o literário.

Referências

BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In.: _____. **O rumor da língua**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 65-75.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In.: _____. **Tese e Antítese**. 4ª edição. São Paulo: T.A. Queiroz, 2002, p.121-139.

CASTRO ROCHA, João Cezar. No redemoinho da narrativa. In.: _____. **Por uma esquizofrenia produtiva**: da prática à teoria. Chapecó: Argos, 2015, p. 258-262.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LINK, Daniel. **Como se lê e outras intervenções críticas**. Tradução de Jorge Wolff. Chapecó: Argos, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In.: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 61 - 161.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Agradecimentos: À FAPESC, pela bolsa concedida à pesquisa.